

GTA | Guião de Trabalho Autónomo n.º 54

PORTUGUÊS 11.º ANO

Tema 11: *Os Maias* de Eça de Queirós
Subtema 2: *Os Maias* ou *Episódios da vida romântica*



PORQUÊ APRENDER SOBRE...?



O QUE VOU APRENDER?



COMO VOU APRENDER?



O QUE APRENDI?



COMO POSSO COMPLEMENTAR A
APRENDIZAGEM?



PORQUÊ APRENDER SOBRE...?

Nos capítulos V e VI d’*Os Maias*, acompanhamos Carlos da Maia na sua entrada nos círculos sociais da elite lisboeta: serões, jantares, encontros e visitas que revelam um mundo marcado pelas aparências e pelo jogo social. Ao seu lado, surgem Ega e outras figuras traçadas pela fina ironia de Eça e que já antecipam um diagnóstico crítico da sociedade lisboeta.

Investiga o seu papel e a sua dimensão na narrativa.



O QUE VOU APRENDER?

NO DOMÍNIO DA ORALIDADE:

- Interpretar textos orais dos géneros exposição sobre um tema (...), evidenciando perspetiva crítica e criativa.
- Fazer exposições orais para apresentação de temas, de opiniões (...).
- Preparar adequadamente as apresentações orais através de uma planificação cuidada.
- Avaliar, individualmente e/ou em grupo, os discursos orais.

NO DOMÍNIO DA LEITURA:

- Realizar leitura crítica e autónoma.
- Clarificar tema(s), subtemas, ideias principais, pontos de vista.
- Analisar os recursos utilizados para a construção do sentido do texto.
- Interpretar o texto, com especificação do sentido global e da intencionalidade comunicativa.
- Expressar, com fundamentação, pontos de vista suscitados por leituras diversas.

NO DOMÍNIO DA EDUCAÇÃO LITERÁRIA:

- Interpretar obras literárias portuguesas de diferentes autores e géneros, produzidas entre os séculos XVII e XIX
- Reconhecer valores culturais, éticos e estéticos manifestados nos textos.
- Comparar textos de diferentes épocas em função dos temas, ideias, valores e marcos históricos e culturais.
- Analisar o valor de recursos expressivos para a construção do sentido do texto.
- Debater, de forma fundamentada e sustentada, oralmente ou por escrito, pontos de vista fundamentados, suscitados pela leitura de textos e autores diferentes.
- Mobilizar para a interpretação textual os conhecimentos adquiridos sobre os elementos constitutivos do texto narrativo.



O QUE VOU APRENDER?

NO DOMÍNIO DA ESCRITA:

- Escrever textos de opinião, apreciações críticas e exposições sobre um tema
- Planificar os textos a escrever, após pesquisa e seleção de informação relevante.
- Redigir com desenvoltura, consistência, adequação e correção os textos planificados.
- Utilizar os mecanismos de revisão, de avaliação e de correção para aperfeiçoar o texto escrito antes da apresentação da versão final.



COMO VOU APRENDER?

GTA 52: Que segredos se escondem no passado dos Maias?

GTA 53: O que revelam os contrastes n'Os *Maias*?

GTA 54: Personagens no espaço: como se constrói a crítica social?

GTA 55: Que retrato(s) do amor burguês nos dá o narrador?

GTA 56: Crónica de costumes e intriga amorosa: como se articulam?

GTA 57: Como convive o idílio amoroso com os sinais de tragédia?

GTA 58: Qual o papel dos jornais na Lisboa d'Os *Maias*?

GTA 59: Como se revela e concretiza a tragédia dos Maias?

GTA 60: Por onde andam e de que falam Carlos e Ega neste desfecho?

Tema 11: Os *Maias* de Eça de QueirósSubtema 2: Os *Maias* ou *Episódios da vida romântica*

GTA 54: Personagens no espaço: como se constrói a crítica social?

Objetivos:

- Recuperar informações centrais da leitura autónoma dos capítulos V e VI.
- Ler e analisar excertos dos capítulos V e VI para:
 - reconhecer tipos e espaços sociais e o seu valor na construção da crónica de costumes;
 - inferir e identificar traços de caracterização das personagens com base em processos diretos ou indiretos: ações, discursos e relações sociais;
 - analisar estratégias e recursos linguísticos e expressivos fundamentais para veicular intencionalidade crítica e construir a crónica de costumes.
- Compreender a representação da sociedade lisboeta como espaço de ociosidade, superficialidade e contraste entre ideais e práticas.
- Desenvolver autonomia, pensamento crítico, capacidade de análise e de síntese, mobilizando conhecimentos adquiridos.

Modalidade de trabalho: pequenos grupos, pares e individual.

Recursos e materiais: caderno e *internet*.



É importante que já tenhas realizado a leitura dos capítulos V e VI d'*Os Maias*. A partir do [GTA 51](#), iniciámos um desafio de missões para a leitura de capítulos da obra com o jogo «O extraordinário caso dos Maias». Se ainda não estás a acompanhar, dedica algum do teu tempo pessoal e realiza a leitura dos capítulos e as tarefas da missão 3 do jogo. Além disso, podes ir construindo um dossiê de investigação para organizar ideias e valorizar a tua avaliação.



[Eça de Queirós *Os Maias*.](#)
Edição digital: Disponível em
Biblioteca Digital da EBSQF.



[Jogo «O extraordinário caso
dos Maias – Missão 3».](#)
Estudo Autónomo.



[Infografia «Dossiê de
investigação».](#) Estudo
Autónomo.

**ETAPA 1 – Capítulos V e VI | Verificação de leitura**

Recorda a parte inicial do Capítulo V: o serão de Carlos e Afonso no Ramalhete e as personagens que o frequentam. **Associa** cada uma das afirmações 1. a 5. (na página seguinte) à personagem adequada (A. a E.).

A. Vilaça B. D. Diogo C. Cruges D. Eusebiozinho E. Steinbroken

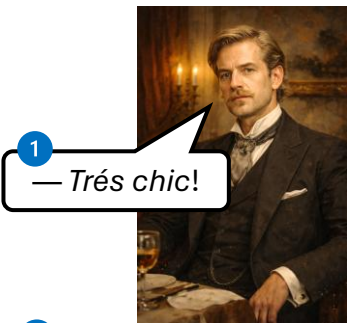


1. Joga às cartas com Afonso da Maia e revela grande preocupação com achaques de saúde.
2. Diplomata dado a formalismos protocolares e que confere prestígio social aos serões e os anima com a sua voz de barítono.
3. Herdeiro da função que seu pai já desempenhava fielmente para os Maiais no passado.
4. Nas palavras de Carlos é «um diabo adoidado, maestro, pianista, com uma pontinha de génio.»
5. Chegado da Madeira após a morte da mulher, com um ar muito fúnebre e «sempre macambúzio», está ainda mais molengo que outrora.

Em par ou em grupo, recordem, no Capítulo VI, o episódio do jantar no Hotel Central e as personagens que nele participam.

Leiam as falas das personagens nos balões e:

- **identifiquem** a personagem que fala;
- **justifiquem** a vossa opção, indicando o traço da personagem que essa fala revela.



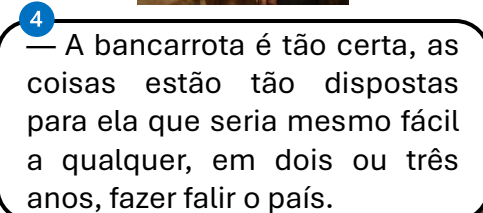
1 — *Trés chic!*



2 — ... inventar enredos, criar dramas, abandonar-se à fantasia literária! A forma pura da arte naturalista devia ser o estudo seco de um tipo, de um vício, como se se tratasse de um caso patológico...



3 — O realismo critica-se deste modo: mão no nariz! Eu quando vejo um desses livros, enfrasco-me logo em água de colónia. Não discutamos o «excremento».





4 — A bancarrota é tão certa, as coisas estão tão dispostas para ela que seria mesmo fácil a qualquer, em dois ou três anos, fazer falir o país.



5 — Alencar! Que tolice... Isso vale lá a pena!...

6 — Creia vossa excelência... Eu não sou de sabujices... Mas... Vossa excelência é a coisa melhor que há em Lisboa!

 Na p. 14, encontras um *QRCode* e um *link* para o episódio 2 da adaptação da obra para cinema, de João Botelho. Se necessário, visualiza a cena do jantar no Hotel Central nos primeiros 15 minutos.

 **Debate** brevemente com os colegas sobre o tipo de retrato que se começa a formar, nestes capítulos, sobre a sociedade da época.



Seguem-se cinco tarefas de leitura com base em excertos dos capítulos V e VI.

Organizem-se em cinco grupos e **distribuam** os excertos e as tarefas.

Releiam os excertos e **resolvam** a tarefa respetiva, registando os tópicos para partilhar com a turma através de breves apresentações orais.

Se necessário, **consultem** um dicionário e **pesquisem** as referências culturais.

GRUPO 1 — No consultório de Carlos: Ega lê um excerto do seu projeto literário «Memórias de um átomo»

- 1 *Mas [Ega] não aparecia no Ramalhete, nem no consultório; apenas se avistavam, às vezes, em S. Carlos, onde o Ega, todo o tempo que não passava no camarote dos Cohens, vinha invariavelmente refugiar-se no fundo da frisa de Carlos, por trás de Taveira ou do Cruges, donde pudesse olhar de vez em quando Raquel Cohen (...)*
- 5 — Bem. Venho-te impingir prosa... Um bocado do Átomo... Senta-te aí. Ouve lá. (...)
— Não, não é o primeiro episódio... Não é o Caos. É já no séc. XV... Mas num livro destes pode-se começar pelo fim... Conveio-me fazer este episódio: chama-se A Hebreia.
- A Cohen! — pensou Carlos.
- 10 *Ega tornou a alargar o colarinho — e foi lendo, (...). Depois da sombria pintura de um bairro medieval de Heidelberga, o famoso Átomo, o Átomo do Ega, aparecia alojado no coração do esplêndido príncipe Franck, poeta, cavaleiro, e bastardo do imperador Maximiliano. E todo esse coração de herói palpitava pela judia Ester, pérola maravilhosa do Oriente, (...).*
- 15 *Isto contava-o o Átomo num monólogo, tão recamado de imagens como um manto da Virgem está recamado de estrelas — e que era uma declaração dele, Ega, à mulher do Cohen. Depois abria-se um intermédio panteísta³: rompiam coros de flores, coros de astros, cantando, na linguagem da luz ou na eloquência dos perfumes, a beleza, a graça, a pureza, a alma celeste de Ester — e de Raquel... Enfim, chegava o negro drama da perseguição: a fuga da família hebraica, através de bosques de bruxas e brutas aldeias feudais; (...).*
- 20 *Ao findar, o Átomo exclamava, com a vasta solenidade de um cheio de órgão: «Assim arrefeceu, parou, aquele coração de herói que eu habitava; e evaporado o princípio de vida, eu, agora livre, remontei aos astros, levando comigo a essência pura desse amor imortal.»*
- 25 — Então?... — disse Ega, esfalfado, quase trémulo.
Carlos só pôde responder:
— Está ardente.

Eça de Queirós (1888). *Os Maias*. Edição Livros do Brasil: Lisboa. (Capítulo V).

GRUPO 1 — Tarefa

Expliquem e **justifiquem** com evidências textuais as seguintes interpretações do excerto (podem dividir os tópicos pelos elementos do grupo e de seguida partilhar e validar as conclusões):

- A prosa literária (parte do livro que anda a escrever) que Ega lê para Carlos é uma declaração de amor disfarçada.
- A relação entre a personagem fictícia (Ester) e a real (Raquel Cohen) produz um efeito cómico.
- O narrador revela, com ironia, a contradição entre os ideais literários de Ega (modernidade, realismo e naturalismo) e a sua escrita romântica.



GRUPO 2 — No Ramalhete: Carlos e o seu criado Baptista

- 1 *Carlos ficou pensando naquela proposta do Ega, na maneira como ele sublinhara o empenho da condessa. (...). E Carlos achava-a picante (...).
O criado de Carlos, o Baptista (familiarmente o Tista) esperava-o lendo o jornal, na confortável antecâmara dos «quartos do menino» (...)*
- 5 *Carlos foi buscar um livro ao gabinete de estudo, entrou no quarto, estendeu-se, cansado, numa poltrona. (...)
Depois, enquanto Baptista preparava com esmero um grogue quente, Carlos já deitado, aconchegado, abriu preguiçosamente o livro, voltou duas folhas, fechou-o, tomou uma cigarette, e ficou fumando com as pálpebras cerradas, numa imensa*
- 10 *beatitude. (...)
— Tu conheces os senhores condes de Gouvarinho, Tista?
— Conheço o Pimenta, meu senhor, que é criado de quarto do senhor conde...
(...)
E Baptista, (...) transmitiu as revelações do Pimenta. O conde de Gouvarinho, (...)*
- 15 *não tinha nada de cavalheiro (...). O conde e a senhora não se davam bem (...)
tinham-se pegado de tal modo que ela agarrou do copo e do prato, e esmigalhou-os no chão. E outra qualquer teria feito o mesmo; porque o senhor conde, quando começava a repisar, a remoer, não se podia aturar. As questões eram sempre por causa de dinheiro. (...)*
- 20 *— O Tompson velho é o pai da senhora condessa. (...) O Sr. Tompson não tem querido ultimamente emprestar nem mais um real ao genro (...)
Carlos bebeu um gole do grogue. Bailava-lhe nos lábios uma pergunta (...) E perguntou:
— Que diz o Sr. Pimenta da senhora condessa, Baptista? Ela diverte-se?*
- 25 *— Creio que não, meu senhor. (...)
— Passando a outro assunto, Baptista. Vamos a saber, há quanto tempo não escrevo eu a Madame Rughel?
(...) havia já cinco semanas que o menino não escrevia a Madame Rughel...
— É necessário escrever amanhã — disse Carlos. (...) Madame Rughel era muito*
- 30 *bonita, não é verdade, Baptista? (...)
— Madame Rughel era uma senhora de muita vista. (...)
Baptista entalou mais o cove-pieds, relanceou pelo quarto um olhar solícito, e (...)
saiu, levando o candeeiro. Carlos não dormia: e não pensava na coronela de hussardos, nem em Madame Rughel. A figura que no escuro dos cortinados lhe*
- 35 *aparecia, (...) era a Gouvarinho.*

Eça de Queirós (1888). *Os Maias*. Edição Livros do Brasil: Lisboa. (Capítulo V).

GRUPO 2 — Tarefa

Expliquem e justifiquem com evidências textuais as seguintes interpretações do excerto (podem dividir os tópicos pelos elementos do grupo e de seguida partilhar e validar as conclusões):

- Neste excerto, Carlos da Maia é caracterizado como uma figura marcada pela ociosidade e pelo diletantismo.
- A conversa entre Carlos e Baptista revela como a informação circula e como as hierarquias de poder se estabelecem dentro da sociedade lisboeta.
- O excerto expõe a superficialidade das relações sociais e afetivas no meio frequentado por Carlos.



GRUPO 3 — Em S. Carlos: Carlos, Ega e os condes de Gouvarinho

1 Ega, que afetara beber as palavras do conde [Gouvarinho], começou então uma controvérsia (...)

— Aí está, por exemplo — dizia ele — o ciúme entre Lisboa e Porto. É uma verdadeira dualidade como a que existe entre a Hungria e a Áustria... Ouço por ali
5 lamentá-la. Pois bem, eu, se fosse poder, instigá-la-ia, acirrá-la-ia (...). Nesta luta das duas grandes cidades do reino, podem outros ver despeitos mesquinhos, eu vejo elementos de progresso. Vejo civilização!

Proferia estas coisas como do alto de um pedestal (...).

Carlos dizia: «Tem Vossa Excelência razão, senhor conde.» O Ega dizia: «Você vê
10 essas coisas de alto, Gouvarinho.» Ele cruzara as mãos por baixo das abas da casaca — e estavam todos três muito sérios.

Depois o conde abriu a porta da frisa, Ega desapareceu. E daí a um momento, Carlos, apresentado como «vizinho de camarote», recebia da senhora condessa um grande shake-hands, (...).

15 A senhora condessa, um pouco corada, ligeiramente nervosa, lembrou logo a Carlos que o vira no Verão passado em Paris, no salão baixo do Café Inglês (...). O conde passou os dedos lentos pela testa, com um ar quase angustioso: não se lembrava de nada disso! Queixou-se logo amargamente da sua falta de memória. (...) Por exemplo, lera (como todo o homem devia ler) os vinte volumes da História
20 Universal de César Cantu; lera-os com atenção, fechado no seu gabinete, absorvendo-se na obra. Pois, senhores, escapara-lhe tudo — e ali estava sem saber história! (...)

A condessa voltara-se para a plateia, coberta com o leque, com o ar
25 constrangido, como se aquelas palavras pueris do marido a diminuíssem, a desfeassem... Carlos então falou da ópera. (...)

Os olhos brilhavam-lhe, diziam mil coisas; em certos movimentos, o cabelo, crespamente ondedado, tomava tons de oiro vermelho: e em torno dela errava, no calor do gás e da enchente, um aroma exagerado de verbena. Estava de preto, com uma gargantilha de rendas negras, à Valois, afogando-lhe o pescoço onde pousavam
30 duas rosas escarlates. E toda a sua pessoa tinha um arzinho de provocação e de ataque. De pé, calado, grave, o conde batia a coxa com a claque fechada. (...)

— Nós recebemos às terças-feiras — disse a condessa a Carlos.

Eça de Queirós (1888). *Os Maias*. Edição Livros do Brasil: Lisboa. (Capítulo V).

GRUPO 3 — Tarefa

Expliquem e justifiquem com evidências textuais as seguintes interpretações do excerto (podem dividir os tópicos pelos elementos do grupo e de seguida partilhar e validar as conclusões):

- O conde de Gouvarinho é tratado como um tipo social com estatuto, nome e posição, mas marcado pela pose intelectual vazia.
- A condessa de Gouvarinho é caracterizada através do jogo de sedução e da teatralidade social.
- O excerto contribui para caracterizar a sociedade lisboeta como um espaço de aparência, superficialidade e encenação.



GRUPO 4 — Na vila Balzac: Carlos e Ega entre os ideais e a realidade

- 1 *Ega, num prodigioso robe-de-chambre, de um estofado adamascado do século XVIII, vestido de corte de alguma das suas avós, exclamou dobrando a fronte ao chão:*
- *Bem-vindo, meu príncipe, ao humilde tugúrio do filósofo! (...)*
- 5 *Ergueu, com um gesto rasgado, um reposteiro de repes verde, de um verde feio e triste, e introduziu o «príncipe» na sala onde tudo era verde também (...). Não havia um quadro, uma flor, um ornato, um livro — apenas sobre a jardineira uma estatueta de Napoleão I, (...).*
- *Para que tens tu aqui Napoleão, John?*
- 10 — *Como alvo de injúrias — disse Ega. — Exercito-me sobre ele a falar dos tiranos....*
- (...) E quis imediatamente mostrar a Carlos o seu quarto de cama; aí reinava um cretone de ramagens alvadias, sobre fundo vermelho; e o leito enchia, esmagava tudo. Parecia ser o motivo, o centro da «Vila Balzac»; e nele se esgotara a imaginação*
- 15 *artística do Ega. (...)*
- Sobre a mesinha de cabeceira erguia-se um montão de livros: a Educação de Spencer ao lado de Baudelaire, a Lógica de Stuart Mill por cima do Cavaleiro da Casa Vermelha². No mármore da cómoda havia outra garrafa de champanhe entre dois copos; o toucador, um pouco em desordem, mostrava uma enorme caixa de pó de*
- 20 *arroz no meio de plastrões e gravatas brancas do Ega, e um maço de ganchos do cabelo ao lado de ferros de frisar. (...)*
- *Com franqueza, Carlos, que te parece a «Vila Balzac»?*
- Carlos respondeu como a respeito do episódio da Hebreia:*
- *Está ardente. (...)*
- 25 — *É verdade! Então, noutro dia, que tal, em casa dos Gouvarinhos? Eu infelizmente não pude ir.*
- Carlos contou a soirée. (...) O conde maçara-o indiscretamente com a política. A condessa, que estava muito constipada, horrorizou-o, dando sobre a Inglaterra, apesar de inglesa, as opiniões da Rua de Cedofeita. Imaginava que a Inglaterra é um*
- 30 *país sem poetas, sem artistas, sem ideais, ocupando-se só de amontoar libras... Enfim, secara-se.*
- *Que diabo! — murmurou o Ega (...) — Pois menino, pensei que a Gouvarinho te apetecia...*
- Carlos confessou que nos primeiros dias, quando Ega lhe falara dela, tivera um*
- 35 *caprichozinho, interessara-se por aqueles cabelos cor de brasa...*
- *Mas agora, mal a conheci, o capricho foi-se...*

Eça de Queirós (1888). *Os Maias*. Edição Livros do Brasil: Lisboa. (Capítulo V).

GRUPO 4 — Tarefa

Expliquem e justifiquem com evidências textuais as seguintes interpretações do excerto (podem dividir os tópicos pelos elementos do grupo e de seguida partilhar e validar as conclusões):

- Os elementos descritivos da Vila Balzac (a começar no próprio nome) têm uma carga irónica reveladora do contraste entre idealização e realidade.
- O excerto contribui para a caracterização de Ega como uma personagem feita de contradições que cede aos impulsos românticos.
- A ação e as falas de Carlos neste excerto confirmam, indiretamente, uma tendência da personagem que se vai tornando marcante.



GRUPO 5 — Hotel Central: chegada de Carlos e Craft, Ega apresenta Dâmaso

1 *Entravam então no peristilo do Hotel Central — e nesse momento um coupé da Companhia, chegando a largo trote do lado da Rua do Arsenal, veio estacar à porta.*

Um esplêndido preto, já grisalho, de casaca e calção, correu logo à portinhola; de dentro um rapaz muito magro, de barba muito negra, passou-lhe para os braços
5 *uma deliciosa cadelinha escocesa, de pelos esguedelhados, finos como seda e cor de prata; depois apeando-se, indolente e poseur, ofereceu a mão a uma senhora alta, loira, com um meio véu muito apertado e muito escuro que realçava o esplendor da sua carnação ebúrnea. Craft e Carlos afastaram-se, ela passou diante deles, com um*
10 *passo soberano de deusa, maravilhosamente bem feita, deixando atrás de si como uma claridade, um reflexo de cabelos de oiro, e um aroma no ar. Trazia um casaco colante de veludo branco de Génova, e um momento sobre as lajes do peristilo brilhou o verniz das suas botinas. (...). E no silêncio a voz de Craft murmurou:*

— Très chic.

Em cima, no gabinete que o criado lhes indicou, Ega esperava, sentado no divã
15 *de marroquim, e conversando com um rapaz baixote, gordo, frisado como um noivo de província, de camélia ao peito e plastrão azul-celeste. (...) Ega apresentou a Carlos o Sr. Dâmaso Salcede (...).*

— Vimos agora lá em baixo — disse Craft indo sentar-se no divã — uma esplêndida mulher, com uma esplêndida cadelinha griffon, e servida por um
20 *esplêndido preto!*

O Sr. Dâmaso Salcede, que não despregava os olhos de Carlos, acudiu logo:

— Bem sei! Os Castro Gomes... Conheço-os muito... Vim com eles de Bordéus...

Uma gente muito chique que vive em Paris.

Carlos voltou-se, reparou mais nele, perguntou-lhe, afável e interessando-se:

25 *— O Sr. Salcede chegou agora de Bordéus?*

Estas palavras pareceram deleitar Dâmaso como um favor celeste: ergueu-se imediatamente, aproximou-se do Maia, banhado num sorriso:

— Vim aqui há quinze dias, no Orenoque. Vim de Paris... Que eu em podendo é lá que me pilham! (...)

30 *(...) [Dâmaso Salcede] começou a fazer elogios a Carlos. O Sr. Maia não imaginava há quanto tempo ele desejava conhecê-lo!*

— Oh! senhor...

— Creia Vossa Excelência... Eu não sou de sabujices... Mas pode Vossa Excelência perguntar ao Ega, quantas vezes o tenho dito: Vossa Excelência é a coisa
35 *melhor que há em Lisboa!*

Carlos baixava a cabeça, mordendo o riso.

Eça de Queirós (1888). *Os Maias*. Edição Livros do Brasil: Lisboa. (Capítulo V).

GRUPO 5 — Tarefa

Expliquem e justifiquem com evidências textuais as seguintes interpretações do excerto (podem dividir os tópicos pelos elementos do grupo e de seguida partilhar e validar as conclusões):

- A descrição da mulher à entrada do Hotel Central evidencia a valorização da aparência e do seu efeito social.
- Dâmaso Salcede é construído como um tipo representativo da sociedade lisboeta através de processos de caracterização direta e indireta.
- O excerto revela, através da ironia e da reprodução do discurso das personagens, uma crítica à superficialidade e ao jogo de aparências na sociedade lisboeta.



ETAPA 3 – Apresentação oral das tarefas | escrita expositiva



Apresentem a vossa tarefa oralmente:

- **identifiquem** o vosso excerto;
- **expliquem** as três interpretações propostas, sustentando-as em evidências textuais (processos de caracterização direta e indireta, exemplos de sentidos implícitos, ironia, contraste ou outros recursos relevantes). Procurem ser breves (\pm 3 minutos).

Abram o debate à turma para:

- registo de uma ideia-chave por grupo;
- esclarecimento de questões ou recolha de comentários/contributos.



Individualmente, **escolhe** uma das personagens que surge num dos espaços dos vários excertos e **escreve** um texto de aproximadamente **70 a 100 palavras** no qual:

- expliques de que modo a personagem, nesse espaço, contribui para a intenção de crítica social;
- fundamentes se ela pode ser entendida como figurino da crónica de costumes, ou seja, mais como um tipo social do que como um indivíduo isolado;
- integres pelo menos uma referência textual concreta.



PROPOSTA DE RESOLUÇÃO

ETAPA 1 – Capítulos V e VI | Verificação de leitura

Respostas exercício de associação: A.-3.; B.-1.; C.-4.; D-5.; E.-2.

Exemplo de respostas para os balões de fala:

- 1 **Identificação:** Craft. **Justificação:** A economia da fala revela o distanciamento elegante e britânico de Craft: observa, classifica, não se envolve.
- 2 **Identificação:** Ega. **Justificação:** A fala revela os ideais literários de Ega, mas também a sua contradição central: defende a segura clínica do naturalismo com um fervor romântico (muito pouco naturalista).
- 3 **Identificação:** Alencar. **Justificação:** A fala revela o excesso de sentimento de Alencar (ultrarromantismo): reage excessivamente ao realismo, não argumenta, é teatral.
- 4 **Identificação:** Cohen. **Justificação:** A fala revela o banqueiro que opina sobre a ruína do país como quem analisa uma operação financeira, sem indignação nem escrúpulo, sendo uma pessoa com responsabilidades nessa matéria.
- 5 **Identificação:** Carlos. **Justificação:** A fala revela o diletantismo e tédio aristocrático de quem não se envolve nem toma partido.
- 6 **Identificação:** Dâmaso. **Justificação:** Ao negar que bajula, Dâmaso está precisamente a fazê-lo — a fala expõe a sua falta de consciência e antecipa a relação de bajulação que vai ter com Carlos.



PROPOSTA DE RESOLUÇÃO

ETAPA 2 – Leitura de excertos | As personagens e a crónica de costumes

Tópicos de resposta para as tarefas dos grupos:

GRUPO 1:

- O narrador revela claramente que «era uma declaração dele, Ega, à mulher do Cohen»; subentende-se que o príncipe Franck é Ega e Ester é Raquel — a ficção medieval é o véu que disfarça a declaração romântica.
- Contraste entre o tom elevado da ficção sobre Ester e a banalidade romântica da situação real com Raquel; o aparte irónico do narrador «a alma celeste de Ester – e de Raquel...» que ridiculariza o artifício de Ega.
- Ega, defensor do naturalismo e da observação seca da realidade, escreve num tom inflamado e romantizado; a ironia do narrador ao descrever o estilo como «tão recamado de imagens como um manto de Virgem» e de Carlos ao exclamar «Está ardente!».

GRUPO 2:

- A sequência ociosa de Carlos: poltrona, grogue, livro aberto e fechado sem ler, cigarette, «pálpebras cerradas, numa imensa beatitude»; o interesse diletante pela condessa como um passatempo — «achava-a picante».
- A informação sobre os Gouvarinhos chega pelo criado Baptista, quando questionado por Carlos, revelando uma sociedade hierarquizada, na qual os senhores usam esse «serviço» de informação sobre a vida íntima.
- Carlos é exemplo de relações de sedução sem profundidade: Madame Rughel, presumível amante, é esquecida há cinco semanas sem culpa; a superficialidade do interesse pela condessa — «ela diverte-se?».

GRUPO 3:

- Carlos e Ega bajulam o conde com ironia evidente: «você vê essas coisas de alto»; a referência do Conde aos volumes de César, que leu na totalidade sem nada reter, caricaturam a pose intelectual sem conteúdo.
- Sedução e teatralidade nos detalhes físicos e gestuais (olhos que «diziam mil coisas», cabelo com «tons de oiro vermelho», aroma de verbena), na referência direta do narrador à postura calculada («arzinho de provocação e de ataque») e indiretamente o convite final: «recebemos às terças-feiras».
- O S. Carlos como palco social – todos representam um papel (pose do Conde, sedução da condessa, adulação fingida de Carlos e Ega); todos se preocupam com as aparências (ex.: a condessa constrangida com a atitude do marido).

GRUPO 4:

- A grandeza literária do nome Balzac – autor realista francês - contrasta com a realidade («humilde tugúrio», «verde feio e triste», sem quadros, flores ou livros); Ega veste-se (séc. XVIII) para um cenário que não é real; a ironia da estátua de Napoleão (espelha a pose de Ega em contraste com os seus ideais).
- A decoração do quarto («centro da vila Balzac») contradiz os ideais filosóficos e estéticos do Ega naturalista; os seus livros revelam essa contradição (positivistas como Stuart Mill ao lado de românticos como Baudelaire); os objetos no quarto (pó de arroz, ferro de frisar) não se coadunam com o pensador objetivo e realista que busca a verdade além da aparência.



PROPOSTA DE RESOLUÇÃO

- c) A sociedade lisboeta entedia-o («Enfim, secara-se»), mas ele tem uma atitude passiva; Carlos deixa-se cativar por aparências e desinteressa-se rapidamente quando a realidade se revela vulgar («mal a conheci o capricho foi-se»).

Grupo 5:

- a) Os detalhes descritivos que remetem para luxo e distinção social («cadelinha escocesa»; «veludo branco»; «botinas envernizadas»); a descrição de efeitos visuais, olfativos, de movimento que provoca à sua volta; a avaliação social de Craft («Trés chic.») remetem para a valorização social das aparências.
- b) O tom satírico da descrição física («baixote, gordo, frisado como um noivo de província, de camélia ao peito»); a atitude pedante para legitimar o seu estatuto (referências aos Castro Gomes e a Paris); a bajulação a Carlos sem consciência do ridículo e do distanciamento de Carlos («mordendo o riso»).
- c) A descrição magnífica da mulher reduzida ao «Trés chic.» de Craft reforça a imagem de uma sociedade focada nas aparências; a superficialidade e a bajulação de Dâmaso expostas nas suas falas são bem toleradas por todos, inclusive Carlos.

ETAPA 3 – Apresentação oral das tarefas | escrita expositiva

Exemplos de resposta para a proposta de escrita individual:

João da Ega é uma das personagens através das quais Eça mais eficazmente constrói a sua crítica social. Defensor intransigente do naturalismo, Ega escreve afinal uma prosa inflamada e romântica — «tão recamada de imagens como um manto da Virgem está recamado de estrelas» — que contradiz tudo o que proclama. A Vila Balzac, nome grandioso para um espaço medíocre, é um espelho da personagem: entre ferros de frisar e garrafas de champanhe, Ega é menos um intelectual do que um tipo social — o revolucionário acaba por corporizar traços de uma geração que substitui a ação pela pose.

OU

Em *Os Maias*, Dâmaso Salcede serve menos para contar uma história individual do que para diagnosticar um tipo social: o do provinciano que imita o cosmopolitismo sem o compreender. Eça constrói-o por caracterização direta — «frisado como um noivo de província» — e pelo seu próprio discurso, onde a bajulação desmente a pose: «Eu não sou de sabujices... Mas Vossa Excelência é a coisa melhor que há em Lisboa!». Dâmaso não é um indivíduo complexo — é um figurino da crónica de costumes, o retrato de uma sociedade que mede o valor das pessoas pelo brilho social e pela geografia.



O QUE APRENDI?

Conseguiste reconhecer de que modo as personagens, enquadradas nos seus espaços sociais, servem a intenção de crítica social?

És capaz de...

- recuperar informações centrais da leitura autónoma dos capítulos V e VI?
- ler e analisar excertos dos capítulos V e VI para:
 - reconhecer tipos sociais e o seu valor na construção da crítica social e da crónica de costumes?
 - inferir e identificar traços de caracterização das personagens com base em processos diretos ou indiretos (ações, discursos e relações sociais)?
 - analisar estratégias e recursos linguísticos e expressivos fundamentais para veicular intencionalidade crítica e construir a crónica de costumes?
- compreender a representação da sociedade lisboeta como espaço de ociosidade, superficialidade e contraste entre ideais e práticas?
- desenvolver autonomia, pensamento crítico, capacidade de análise e de síntese, mobilizando conhecimentos adquiridos?

Ainda **tens** dúvidas?

Sugestões:

Visualiza a videoaula e **acompanha** a análise do episódio do jantar no Hotel Central, tomando nota:

- de temas que são objeto da crítica social;
- da forma como se faz a representação da oposição entre o ultrarromantismo e o naturalismo;
- da relação entre este episódio e aspetos históricos como «As conferências do casino» e a questão coimbrã.



[Videoaula n.º 42, Português 11.º ano: «Os Maias: o episódio do jantar do Hotel Central». #EEC.](#)



COMO POSSO COMPLEMENTAR A APRENDIZAGEM?



Continua o desafio de jogo «O extraordinário caso dos Maias»¹. **Lê** os capítulos VII, VIII e IX da obra ([edição digital](#)).

Segue as orientações, **interpreta** pistas e **resolve** a missão 4.

Visualiza o segundo episódio da adaptação de *Os Maias* para cinema, do realizador João Botelho, até aos **15min10s**.



[«O extraordinário caso dos Maias – Missão 4». Estudo Autónomo.](#)



[«Os Maias» - episódio 2. Adaptação de João Botelho. In RTP-Play.](#)

¹ Este desafio foi iniciado no final do [GTA 51](#).